

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA E TRADICIONAL DA ALFABETIZAÇÃO: PERSPECTIVAS SOBRE COMO ENSINAR AS HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA



A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE CONSTRUCTIVIST AND TRADITIONAL APPROACHES TO LITERACY: PERSPECTIVES ON HOW TO TEACH READING AND WRITING SKILLS

CLAUDIANE FERREIRA DOS SANTOS

Graduação: Pedagogia, pelo Instituto Superior de Educação de São Paulo, conclusão em 2008. Pós-graduação pela Faculdade Campos Elísios, conclusão em 2019. Professora de Educação Infantil.

RESUMO

A perspectiva construtivista enfatiza a participação ativa do aluno no processo de aprendizado. Nessa abordagem, o aluno é visto como um construtor ativo do conhecimento, e a alfabetização é vista como um processo de descoberta e construção de significados. Os alunos são encorajados a explorar e interagir com materiais de leitura e escrita em um ambiente rico em estímulos. O foco está na compreensão e na aplicação prática das habilidades de leitura e escrita, com ênfase no contexto e na relevância para a vida cotidiana dos alunos. Jogos, atividades em grupo e projetos colaborativos são frequentemente usados para promover a aprendizagem significativa. Por outro lado, a perspectiva tradicionalista da alfabetização tende a adotar uma abordagem mais estruturada e centrada no professor. Nessa abordagem, o professor desempenha um papel central na transmissão de conhecimentos e habilidades aos alunos. As técnicas de ensino direto, como a repetição, a cópia e a memorização, são enfatizadas. O foco está na aquisição mecânica das habilidades de leitura e escrita, com ênfase na precisão e na gramática correta. Os materiais de leitura e escrita são selecionados de acordo com uma progressão linear, seguindo um currículo predefinido. A avaliação é frequentemente baseada em testes padronizados de habilidades e conhecimentos. Ambas as perspectivas têm seus defensores e críticos. A abordagem construtivista valoriza a autonomia e o engajamento dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizado mais significativo. No entanto, alguns argumentam que a falta de estrutura pode levar a lacunas no conhecimento básico e habilidades fundamentais. Já a abordagem tradicionalista enfatiza a disciplina e a precisão, mas pode ser considerada menos

motivadora e limitada em termos de aplicação prática. É importante ressaltar que muitas práticas de ensino atualmente combinam elementos de ambas as perspectivas, reconhecendo a importância de uma abordagem personalizada e adaptativa que atenda às necessidades individuais dos alunos. Além disso, abordagens eficazes de alfabetização também levam em consideração a diversidade linguística e cultural dos alunos, promovendo a inclusão e a valorização das suas experiências e conhecimentos prévios.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagens Eficazes; Conhecimentos Prévios; Perspectivas.

ABSTRACT

The constructivist perspective emphasizes the student's active participation in the learning process. In this approach, the student is seen as an active constructor of knowledge, and literacy is seen as a process of discovery and construction of meaning. Students are encouraged to explore and interact with reading and writing materials in a stimulus-rich environment. The focus is on understanding and practical application of reading and writing skills, with an emphasis on context and relevance to students' everyday lives. Games, group activities and collaborative projects are often used to promote meaningful learning. On the other hand, the traditionalist perspective of literacy tends to adopt a more structured, teacher-centered approach. In this approach, the teacher plays a central role in transmitting knowledge and skills to students. Direct teaching techniques such as repetition, copying and memorization are emphasized. The focus is on the mechanical acquisition of reading and writing skills, with an emphasis on accuracy and correct grammar. Reading and writing materials are selected according to a linear progression, following a predefined curriculum. Assessment is often based on standardized tests of skills and knowledge. Both perspectives have their defenders and critics. The constructivist approach values student autonomy and engagement, providing a more meaningful learning environment. However, some argue that the lack of structure can lead to gaps in basic knowledge and fundamental skills. The traditionalist approach, on the other hand, emphasizes discipline and precision, but can be considered less motivating and limited in terms of practical application. Importantly, many teaching practices today combine elements of both perspectives, recognizing the importance of a personalized and adaptive approach that meets students' individual needs. In addition, effective literacy approaches also take into account students' linguistic and cultural diversity, promoting inclusion and valuing their experiences and prior knowledge.

KEYWORDS: Effective Approaches; Prior Knowledge; Perspectives.

INTRODUÇÃO

Diversas teorias que explicam as origens da humanidade apresentam diferentes vias pelas quais o ser humano desenvolveu sua capacidade de se comunicar verbalmente, gradualmente

evoluindo para formas distintas de comunicação escrita.

A escolha desse tema se deve às práticas de abordagem da alfabetização adotadas pelos professores, as quais podem resultar tanto em resultados positivos quanto negativos para os alunos.

Esta pesquisa busca confrontar a abordagem tradicional com a construtivista, com base em fundamentos teóricos. Portanto, aprofundei-me em ambas as abordagens para discutir o tema com clareza.

No método tradicional de alfabetização, o conhecimento é transmitido de forma mecânica e repetitiva, desprovido de significado. O indivíduo lê decodificando, ou seja, reunindo códigos, o que torna a leitura demorada e desprovida de compreensão.

Muitas crianças conseguem memorizar o alfabeto, mas não conseguem escrever palavras, e não há espaço para questionamentos por parte do aluno. As crianças são cobradas excessivamente e, muitas vezes, desmotivadas. Por outro lado, a abordagem construtivista estimula a descoberta do conhecimento pelo aluno. Evita sobrecarregá-lo com informações prontas e acabadas, embora não hesite em recorrer à memorização quando necessário.

Ao contrário das posições tradicionais, o indivíduo é visto como alguém que procura ativamente compreender o mundo ao seu redor e tenta resolver as questões que esse mundo provoca, não como alguém que espera que alguém com conhecimento o transmita (FERREIRO apud ROSA, 2002, p.15).

Com base em pesquisas e estudos realizados por Ferreiro e outros, a alfabetização adquire um novo significado, passando a ser considerada como o processo de iniciar o aluno no conhecimento da leitura e escrita, fornecendo os materiais necessários para que ele possa compreender como ocorre esse conhecimento da escrita, levando em consideração as diferenças individuais de cada criança. Na perspectiva da comunicação escrita, na qual esta pesquisa se insere, as teorias e práticas que envolvem essa área do conhecimento são vistas como construídas pelos métodos em circulação em determinada época.

Dessa forma, este texto tem como objetivo problematizar os diversos entendimentos sobre os métodos de alfabetização que surgiram como construções metodológicas nas últimas décadas na área da educação, discutindo como eles se estabeleceram como verdades ao longo dos anos, desconstruindo alguns mitos e estabelecendo novas perspectivas sobre o tema.

Os discursos nesse período abrangem os métodos considerados "tradicionais" e "construtivistas" de ensino. De um lado, temos os métodos "tradicionais", que se concentram no processo de ensino, e, por outro lado, os métodos "construtivistas" preocupam-se com o processo de aprendizagem.

Neste texto, serão discutidos os discursos do construtivismo e do tradicionalismo, buscando explorar outras possibilidades e discutir como eles se materializam nas práticas escolares.

A contribuição da cultura social, em uma perspectiva pós-estruturalista, consiste em analisar a produtividade dessas redes discursivas e como elas mesmas constroem diferentes práticas e realidades, destacando seu caráter não fixo e não essencialista, uma vez que foram formadas e constituídas a partir de processos culturais dinâmicos, que se entrelaçam e se misturam, não possuindo traços fixos. Nesse sentido, a proliferação desses discursos como "mais verdadeiros" ou "menos

verdadeiros" está diretamente relacionada à possibilidade de disputas em busca de legitimidade.

Considerando que o surgimento de um novo discurso não exclui a possibilidade de veicular os discursos anteriores, busca-se firmar a ideia de que ele é "o mais apropriado" ou "o mais científico para o aprendizado da leitura e escrita.

Também é importante observar que há constantemente novas pesquisas na área da alfabetização, resultando em uma divulgação contínua de novos discursos. Apesar de buscarem afirmar-se, esses novos discursos não silenciam os discursos já existentes, levando à situação em que muitos deles circulam na mesma escola, em escolas diferentes e até mesmo na mesma sala de aula.

É consciente de todas essas mudanças no significado de uma mesma palavra e de como todas essas mudanças acompanham as transformações culturais e descobertas científicas dos últimos anos que podemos afirmar que, ao falar sobre diferentes abordagens de alfabetização, estamos falando sobre diferentes discursos sobre a alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), a alfabetização possui várias definições, tais como: o ato ou efeito de ensinar as primeiras letras; a introdução ao uso do sistema ortográfico; o processo de aquisição dos códigos alfabético e numérico; o letramento; e o ato de propagar o ensino ou difundir as primeiras letras.

Sabemos que o processo de alfabetização é de extrema importância, pois é por meio dele que as pessoas aprendem a ler e escrever. Atualmente, os educadores utilizam diversas estratégias de ensino e aprendizagem, desde os métodos tradicionais até a teoria construtivista.

Dessa forma, surgem dúvidas em relação às estratégias mais adequadas para alfabetizar e formar alunos capazes de refletir, construir conhecimento e se tornarem participantes ativos e críticos na sociedade. Os métodos de alfabetização surgiram da necessidade de compreender como ocorre o processo de aprendizagem da leitura e escrita nas crianças a serem alfabetizadas.

Em relação aos métodos de alfabetização, Mortatti (2006, p. 2) afirma que:

as disputas pela hegemonia de determinados métodos de alfabetização, ao longo dos diversos momentos da educação no Brasil, tiveram como destaque principal as cartilhas como instrumento de concretização dos métodos e conteúdos de ensino.

No início da década de 1980, como afirma Mortatti (2000, p. 256):

o pensamento construtivista sobre alfabetização, oriundo das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreira e seus colaboradores, foi introduzido no Brasil. Essa mudança provocou discussões acerca dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem das crianças, o abandono das teorias e práticas tradicionais, e o questionamento das cartilhas.

Essas mudanças desencadearam uma disputa entre os defensores do Construtivismo e os adeptos dos métodos tradicionais.

EVOLUÇÃO DA METODOLOGIA DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

No desfecho do século XIX, com a instauração da República, a educação ganha relevância no Brasil. A escola emerge como espaço institucionalizado para a formação das novas gerações. O domínio da leitura e escrita torna-se uma ferramenta privilegiada para a aquisição de conhecimento e um imperativo para a modernização e desenvolvimento social.

Até então, a leitura e escrita eram práticas culturais restritas a poucos, ocorrendo predominantemente no ambiente privado do lar ou de forma informal e precária nas escassas "aulas régias" do Império. Essas práticas passam a ser ensinadas de maneira organizada, sistemática e intencional, demandando a formação de profissionais especializados.

No início da alfabetização, por volta de 1876, os recursos eram limitados, e o ensino da leitura começava com as chamadas Cartas de ABC, seguindo os métodos de marcha sintética. Os métodos sintéticos de alfabetização consistem em analisar partes pequenas da palavra, estudando suas letras, sílabas e, por fim, formando as palavras (MORTATTI, 2000, p. 67).

O método analítico foi oficialmente adotado com a Reforma Sampaio Dória, na Lei nº 1750 de 1920 (MORTATTI, 2006). Essa reforma garantiu "autonomia didática" aos professores e tornou obrigatório o uso do método analítico no processo de alfabetização, levando o governo estadual a adquirir livros didáticos para distribuição nas escolas públicas.

Diferentemente dos métodos de marcha sintética utilizados até então, o método analítico, fortemente influenciado pela pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção da criança, considerando sua apreensão do mundo como sendo de natureza sincrética (MORTATTI, 2006, p. 7).

Esse método tinha como base os princípios da linguística moderna da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos sons fonéticos das letras. Segundo o método analítico, o ensino da leitura deveria começar pelo "todo" para, em seguida, analisar suas partes constituintes, trabalhando com palavras, frases e textos.

Conforme Cagliari (1998, p. 28), existia um período anterior à alfabetização, chamado de período preparatório, no qual as crianças eram treinadas em habilidades básicas antes de estarem "prontas" para serem alfabetizadas. A "prontidão" era considerada essencial para um processo eficiente de alfabetização. Nesse período, as crianças realizavam atividades como traçar curvas, completar figuras, comparar tamanhos de caixas, localizar objetos em imagens, fazer desenhos de forma correta, entre outras.

O CONSTRUTIVISMO E AS MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO

O construtivismo é uma abordagem pedagógica que gera inseguranças nos educadores quando ocorre a transição do método tradicional para esse novo enfoque. Assim como a chegada de um bebê em uma família, a implementação do construtivismo requer mudanças para adaptar o ambiente ao novo modelo, assim como a convivência com um irmão. A mudança implica em romper com hábitos e rotinas estabelecidos, obrigando os educadores a pensarem de forma nova sobre coisas familiares e questionar antigos postulados.

No entanto, alguns educadores alegam que houve uma perda no comportamento das crianças com a adoção do construtivismo. Segundo eles, as crianças eram mais obedientes e não questionavam tanto no método tradicional. Comparando a realidade atual com a lembrança idealizada de uma escola pública de décadas passadas, é comum encontrar essa visão nostálgica de que "aquilo sim é que era escola".

No contexto dos métodos de alfabetização, existem diferentes abordagens que podem ser utilizadas, como o método fônico, o método sintético e o método analítico.

O método fônico inicia o ensino das vogais, seguido pelo ensino das consoantes, estabelecendo relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que, combinado com outros fonemas, forma sílabas e palavras. Há uma sequência específica para o ensino dos sons, começando pelos mais simples.

O método sintético parte de unidades menores, como letras, sons ou sílabas, e avança em direção a unidades maiores e mais significativas, como palavras, frases e textos. Ele visa sintetizar as partes menores em uma compreensão global da língua escrita.

Já o método analítico parte de estruturas globais, como textos ou frases inteiras, e busca analisá-las em partes menores, como palavras, sílabas e letras. Seu objetivo é preparar o aluno para uma leitura fluente e compreensiva, partindo do todo para as partes.

Cada método tem suas vantagens e desvantagens, e a escolha do método de alfabetização depende do contexto, das necessidades dos alunos e das preferências dos educadores. É importante adaptar as práticas pedagógicas de acordo com as características individuais dos alunos para uma aprendizagem efetiva da leitura e escrita.

Ao longo das décadas, houve evolução na forma como as cartilhas e materiais didáticos abordam a alfabetização. Exemplos incluem a Cartilha "Caminho Suave" lançada em 1950, que associava palavras a figuras para auxiliar a memorização; a reformulação da cartilha "A Pipoca" em 1981, que passou a dividir as palavras em sílabas; e a cartilha "Letra Viva" de 1984, que incluía textos longos para leitura pelos professores. Cada uma dessas abordagens tinha seus métodos específicos para tornar o aprendizado interessante e envolvente para as crianças.

É essencial considerar que a educação é um campo complexo, e não existe um método único que seja o melhor para todos os alunos em todas as situações. Cada criança é única e possui ritmos de aprendizagem diferentes. Portanto, é fundamental que os educadores tenham flexibilidade e adaptem suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades e características individuais de seus alunos.

ALFABETIZAÇÃO COM OUTROS RECURSOS PEDAGÓGICOS

No processo de alfabetização, as crianças iniciam sua aprendizagem a partir das vogais e, gradualmente, constroem sílabas que formam palavras. Os alunos são incentivados a criar textos curtos utilizando as famílias silábicas que já conhecem, e o professor propõe atividades de cópia e

ditado para auxiliar na memorização das palavras.

A escrita cursiva é desenvolvida desde o início da alfabetização, mas, nesse método alternativo, o professor não se limita apenas às cartilhas tradicionais. Ele utiliza diversos materiais, como livros de histórias, jornais, recortes de revistas e canções, para enriquecer as experiências de aprendizagem dos alunos.

O professor prepara aulas em que os alunos são encorajados a memorizar palavras, e, posteriormente, são realizadas avaliações por meio de ditados, leitura em voz alta e análise estética da escrita cursiva.

PRINCÍPIOS DO ENFOQUE CONSTRUTIVISTA

No contexto do ensino construtivista, o aluno ocupa um papel central no processo de aprendizagem. É estimulado a desenvolver sua independência, resolver problemas, formular hipóteses e levantar questionamentos.

Conseqüentemente, os alunos são encorajados a interagir uns com os outros e a vivenciar suas próprias experiências. As avaliações são, em sua maioria, diagnósticas, ou seja, servem para que os professores compreendam melhor os desafios e possam adotar ações que melhorem o desempenho dos alunos em diversas disciplinas.

O construtivismo já se tornou uma das principais propostas pedagógicas na educação básica, levando muitos pais e responsáveis a buscarem uma melhor compreensão dos princípios construtivistas. Se esse é o seu caso, continue lendo para obter mais detalhes!

Os alunos começam com textos que despertam seu interesse, e o foco está no entendimento do texto, não na memorização. No início, os alunos escrevem da sua própria maneira até alcançarem a forma convencional de escrita.

No início, o professor ensina utilizando letras de forma, e as aulas são enriquecidas com revistas, jornais, recortes e outros materiais. O professor auxilia a criança a desenvolver suas escritas espontâneas, e a sala de aula é avaliada de acordo com os diferentes níveis de aprendizagem.

É esperado que o aluno tenha liberdade para desenhar, criar histórias e tirar suas dúvidas sempre que necessário. Essa proposta exige uma boa qualificação do professor. Há muitos mal-entendidos em relação à prática construtivista.

Na década de 80, o construtivismo começou a ser estudado e debatido, tanto em termos estruturais quanto pedagógicos. Muitos professores adotam o construtivismo como método, mas, na verdade, não é um método no sentido de encontrar uma solução milagrosa para despertar o interesse dos alunos.

Os educadores precisam compreender que não há uma fórmula pronta ou um guia perfeito. Muitos professores acreditam que não é possível implementar a teoria construtivista devido ao tamanho das turmas, mas isso é um problema político.

Tanto muitos quanto poucos alunos passam necessariamente pelo mesmo processo de aprendizagem, independentemente da abordagem metodológica adotada pelo professor (Rosa, 2007, p.52). No entanto, ainda há professores que acreditam que no construtivismo não se deve dizer às crianças que estão erradas, mas é possível intervir.

O professor deve propor desafios aos alunos. Em alguns exemplos citados, algumas professoras mencionam que "a teoria é boa, mas não funciona na prática". Segundo o método de Emilia Ferreiro, o processo de sistematização deve começar quando a criança está na fase hipotética.

O que tenho percebido, que é incrível, é que quando a criança é considerada "pronta", ela geralmente já está alfabetizada. Sozinha! Sem que você precise ensinar!"

No método tradicional, muitas vezes o professor fazia com que o aluno se sentisse envergonhado quando estava atrasado com as lições, falando de forma que outros alunos ouvissem, o que desmotivava a criança a fazer qualquer coisa.

Elogiar um aluno ajuda na autoestima e, mesmo que a criança esteja enfrentando dificuldades, ela se esforçará cada vez mais. O professor não precisa perder sua autoridade, mas precisa saber como se comunicar com os alunos. Por exemplo, se a sala estiver cheia de papéis no chão, basta informar às crianças que isso deixa o ambiente triste, e elas farão a limpeza sem precisar de gritos.

O professor precisa usar seus conhecimentos parabuscar soluções criativas ao fazer solicitações, transformando-as em desafios. Será que vocês conseguem deixar a sala limpa? Dessa forma, as crianças percebem que não estão apenas cumprindo uma obrigação, mas sim realizando uma tarefa por escolha própria.

Muitas vezes, o professor dita uma frase e, ao conferir, pergunta ao aluno o que está escrito ali. Se a criança não consegue responder, o professor diz: "Se você não sabe o que escreveu, eu também não saberei".

Algumas professoras, no início, deixaram de lado as cartilhas e agruparam os alunos, mas pediram para que não conversassem. Como a criança poderia trocar conhecimentos com seu parceiro se a professora não queria muita conversa? Houve muitos esforços por parte dos professores, alguns adotando uma abordagem mais rigorosa, outros sendo mais calmos.

Cabe ao professor tentar mudar as antigas crenças, substituindo o autoritarismo pela humildade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa sobre o método tradicional e o construtivismo, podemos concluir que a alfabetização vai além da simples aquisição de um código. Ela envolve a interação com o ambiente e as diferentes formas de significação desenvolvidas pela espécie humana. O grafismo é explorado como uma forma de expressão, incluindo diversas modalidades de compreensão.

No processo de alfabetização, é fundamental respeitar o aprendiz como sujeito do processo, considerando tanto os aspectos afetivos quanto os cognitivos. O conhecimento e a experiência dos

professores também devem ser valorizados, para que haja uma integração entre teoria e prática.

É importante destacar que a questão dos métodos de ensino é relevante, mas não é o único fator determinante. Existem muitos outros elementos envolvidos nesse processo complexo, que busca soluções para as dificuldades das crianças em aprender a ler e escrever, assim como para os desafios dos professores em ensiná-las.

Portanto, qualquer discussão sobre métodos de alfabetização deve ser rigorosa e responsável, levando em consideração que um método de ensino é apenas um aspecto de uma teoria educacional que está relacionada a uma teoria do conhecimento e a um projeto político e social.

REFERÊNCIAS

FERREIRO Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

Revista Nova Escola: ed.out. /1996; p.8 a 15.

ZUNINO Délia Lerner de. **A Matemática na Escola: Aqui e Agora**. São Paulo: Artmed, 1995.